

Rio - 2 - Outubro - 1942

Meu caro Nelson:

Recebi há dias a sua carta de 4 de Setembro, que naturalmente me deu muito prazer. Uma felicidade vê-la assim fora a Bahia. Se tivesse viajado mais perto o hoste, estaria agora feito neste ou noutro, o que seria inconveniente é literatura. Logo que chegou aqui a notícia do suicídio de Souza Costa e de V. e creio, o pessoal das escolas de Bahia é que fizeram discursos diante dos jornais, como frito, e outros patrióticos e até também casnavalescos absolutamente impróprios. A multidão não tem discernimento: esta e outra malogradas, de vias e depois de algumas horas de excitação, está mais e queda. Foi um espalhar fato regular. Como porém não eram reuniões meetings sem ordem especial, no segundo dia os estudantes modificaram o entusiasmo e tiveram a prudência de meter nos discursos o elogio necessário e autoridade. Apesar disso, a força dispersou no comício, dando conselho patético e mudo ao povo anfitrião. Habrá um acúmulo de diversos alemães recebendo paradas, como três dias de manifestações de solidariedade ao Presidente da República e, por sugestão do Athayde, levantaram-se nas suas montes de ferro velho. Ao cabo de uma semana de exaltação, os ânimos esfriaram. Presso certos elementos portigueses de extrema esquerda, notou-se que elles exageravam, encenavam a opinião pública: entre nós não existe quinta coluna. Despiramos aliviados. Finde-se as demonstrações colectivas, os sentimentos populares traduziram-se em cartilhas e folhetos abundante, mas paradas de Glória Cruzado, que se transformou em enorme jornal, agora desapparecido. Estas e outras muitas liras, depreciação figuras nos periódicos, nomes de cultura paradas, até paradas, e em consequência morte. A Galeria Cruzado foi parada e queda, retiraram-se todo o pessoal de circulação. Estamos calmo, estando calmo em demasia, sem dia proibido para realizações notáveis. Margulhães novamente muito exerce de banco morto, muita presença molle. Apparentemente, não sabemos quem são os nossos inimigos. Tão má verdade os alemães torpedeado os nossos? Parece que não foram elles.

No começo do anno publicou na Argentina um artigo sobre a decadência do romance brasileiro, coisa que felizmente os meus amigos não leram. Uma afirmação desagradável. Como não haveriamos de estar em decadência? Vivemos dominado, alguns poucos de historiae bestas que julgam romances e, em consequência com habito pessimo da terra, são elogiado por quem não inverte pulso. Tão cedo não teriamos livros como Bandeira, Jubiabá e Jão Miguel. Essa gente parece.

Adem, meu caro Nelson. Falei na revista sobre a remessa dos seus livros. E, receando que haja esquecimento, insisto diariamente na recomendação.

Um abraço de  
Francisco de Paula